

RESUMO - EIXO TEMÁTICO 3 - PAISAGEM CULTURAL E ÁGUA -
PAISAGENS RIBEIRINHAS, FLUVIAIS E COSTEIRAS / FRENTES D'ÁGUA
URBANAS, PORTOS HISTÓRICOS, MANGUEZAIS E DELTAS CULTURAIS /
BACIAS HIDROGRÁFICAS COMO UNIDADES DE GESTÃO CULTURAL /
TERMALISMO E ESTÂNCIAS HIDROMINERAIS / ÁGUA, CIDADE E
PLANEJAMENTO / PATRIMÔNIOS HIDRÁULICOS E INFRAESTRUTURAS
DA ÁGUA / SABERES TRADICIONAIS E COSMOLOGIAS DAS ÁGUAS /
CULTURA ALIMENTAR E ÁGUA / MUDANÇAS CLIMÁTICAS / TURISMO E
ROTAS CULTURAIS DA ÁGUA / PAISAGEM E CIDADES BALNEÁRIO.

**PAISAGENS HÍDRICAS INVISÍVEIS: MEMÓRIA, URBANIZAÇÃO E
INUNDAÇÕES EM ANÁPOLIS.**

Wilton De Araujo Medeiros (wilton@ueg.br)

Lucas Gabriel Corrêa Vargas (lucascvargas@ueg.br)

A paisagem cultural associada à água constitui elemento estruturador da forma urbana, da memória coletiva e das dinâmicas ambientais, revelando a profunda interdependência entre processos naturais e ações humanas na construção das cidades. Em Anápolis, Goiás, essa relação manifesta-se de maneira emblemática por meio do apagamento de antigas paisagens hídricas, como o Lago das Antas, também conhecido como Lagoa de Santana, e da área popularmente denominada “baixada do sapo”, espaços hoje inexistentes fisicamente, mas persistentes na memória social e nos impactos urbanos contemporâneos. O estudo analisa a paisagem cultural da água a partir da leitura da cidade como palimpsesto, considerando que cursos d'água, áreas de várzea e zonas alagadiças, mesmo suprimidos por processos de urbanização,

continuam a atuar como condicionantes morfológicos, simbólicos e ambientais. A pesquisa fundamenta-se em abordagem qualitativa, articulando revisão bibliográfica, análise documental, iconográfica e cartográfica, além do exame de narrativas memorialísticas e registros orais, com o objetivo de reconstruir criticamente a presença histórica da água na conformação urbana de Anápolis. A investigação demonstra que a canalização de córregos, o aterramento de áreas alagáveis e a impermeabilização do solo, promovidos ao longo do século XX, transformaram profundamente a paisagem ribeirinha original, sem, contudo, eliminar seus efeitos durante o processo de urbanização, os quais são evidenciados sobretudo pelas recorrentes inundações registradas na área central da cidade. Os resultados indicam que a persistência desses eventos não decorre apenas de falhas técnicas recentes, mas da negação histórica do substrato hídrico e da lógica natural da bacia hidrográfica, que continuam a se manifestar sob condições climáticas extremas. A análise das fontes revela ainda que nomes populares, relatos orais e imagens antigas funcionam como marcas simbólicas da memória das águas, configurando “fantasmagorias” urbanas que permitem reconhecer a paisagem hídrica ausente como elemento ativo da cidade contemporânea. A discussão evidencia que a água, mesmo invisibilizada, permanece como agente estruturador da paisagem cultural, influenciando a organização espacial, os riscos socioambientais e as práticas urbanas. Ao articular patrimônio imaterial, memória coletiva e infraestrutura urbana, o estudo amplia o entendimento das paisagens da água como componentes fundamentais do planejamento territorial e da gestão cultural das cidades. Conclui-se que o reconhecimento das paisagens hídricas apagadas é essencial para enfrentar os desafios urbanos contemporâneos, especialmente aqueles relacionados às mudanças climáticas e às inundações, reforçando a necessidade de práticas de planejamento sensíveis à historicidade dos territórios, às bacias hidrográficas e à água como patrimônio cultural, ambiental e simbólico indissociável da paisagem urbana. Ao reconhecer a centralidade da água na história urbana, a pesquisa contribui para os debates sobre paisagem cultural e água.

Palavras-chave: paisagem cultural da água; paisagens hídricas urbanas; memória ambiental; inundações urbanas.